

SILVIANO SANTIAGO

Stella Manhattan

Romance



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Silvano Santiago

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Marcelo Girard

Foto de capa

Body in cube, de *Petite Anatomie*, de Hans Bellmer, 1957. Fine Art Images/ AGB Photo Library. © Bellmer, Hans/ AUTVIS, Brasil, 2017

Preparação

Andressa Bezerra Corrêa

Revisão

Carmen T. S. Costa

Marise Leal

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santiago, Silvano

Stella Manhattan : romance / Silvano Santiago. — 1ª ed. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2981-2

1. Ficção brasileira I. Título.

17-06883

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira

869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*Deus não quer que eu escreva,
mas eu sei que devo escrever.*

Kafka

Prefácio

Diante da porta aberta

Tenho 81 anos. O romance *Stella Manhattan*, 32. Publiquei-o quando tinha 49 anos. Desde 1936, ano em que nasci no dia 29 de setembro, a lógica do três e de seus múltiplos sempre definiu a mim e aos produtos. O nove pelo viés do número três interfere na lógica de *Stella*. O romancista ganhava careca e cabelos brancos, o romance queria ser sexy. O jeito foi apelar para a memória. Localizar a trama nos anos 1960. O primeiro capítulo se abre no dia 18 de outubro de 1969. A rebelião de Stonewall, no Village, hoje marco histórico do movimento gay, ainda era manchete. Escrito em tempos de aids, *Stella Manhattan* é nostálgico da revolução. A dedicatória dupla — a Auggie (Agostinho) e Minnie (Francisco) — homenageia amigos mortos.

Velhice e infância são inseparáveis — disse-nos Machado de Assis. Basta atar as duas pontas da vida para desdobrar dom Casmurro em Bentinho e escrever a solidão amorosa que estoura no romance *Machado* (ou em *Mil rosas roubadas*). Difícil é conciliar velhice e idade da razão. Expulso do núcleo vital da experiência pelo peso dos anos, você entra escarrado na idade

em que a voz da Morte desfia a contagem regressiva. Da desarmonia entre juventude e velhice, origina-se um objeto abjeto, ao mesmo tempo colorido, brincalhão e derrisório, semelhante à escultura de Niki de Saint Phalle à porta do museu Beaubourg, em Paris.

Aparentemente, o protagonista do romance se divide em dois: o jovem Eduardo e a atrevida Stella. Na verdade, se divide em três, já que importa é o lugar da *intersecção* de um no outro, do Outro no Um. Importa o eixo cilíndrico da dobradiça que destranca e vai abrindo a porta Stella até então reprimida pela rigorosa esquadria de nome Eduardo. Computa-se o três — a “diferença simétrica” entre dois, como se diz na teoria dos conjuntos, entre Eduardo e Stella.

As duas placas da dobradiça e seu eixo móvel dizem que a identidade (do ser) está para ser montada/desmontada como a escultura *Bichos*, de Lygia Clark, ou as *Poupées* [Bonecas], do surrealista Hans Bellmer. A identidade de *gênero* não é fixa nem imutável. É nômade. Coincide, no romance, com o escancarar da porta da Experiência na juventude e se figura como em quadro do pintor Francis Bacon. Em termos numéricos e demasiadamente humanos, identidade é uma questão de diferença simétrica. Representa-se pelo número três ou pelo nove e pode dar um pulo até o 69.

Stella Manhattan é proverbial. É juvenil, intuitivo, lúdico, estiloso (*camp*) e tem uma moral falocêntrica (a revolução comportamental a reclamava então) que pode ser lida na batida do samba “Quem cochicha o rabo espicha”, cantado por Jorge Ben Jor. Não fique pelas esquinas, cochichando. Fale. Quem fala o *phalo* espicha. Passo a seguir Jorge, ao pé da letra: “Saia por aí pelo mundo afora fazendo amizades, conquistando vitórias. [...] Também não fique pensando que essas vitórias serão fáceis. Pois nesta

vida de perde e ganha, ganha quem sabe perder. E perde, perde, quem não sabe ganhar. Por isso você precisa aprender a jogar”.

Paralelamente, há em *Stella Manhattan* a caracterização do homoerotismo como desperdício (de sêmen). Gasto improdutivo, conquista do supérfluo. Desejo, transbordamento e esbanjamento da libido. Excesso de energia e “desregramento de todos os sentidos” (para retomar o verso de Rimbaud). Eis o homoerotismo como elogio à Alegria e à Vida, para atualizar os conceitos nietzschianos. O gasto improdutivo coloca contra a parede dos bons sentimentos conservadores e religiosos a noção de promiscuidade, aceita até hoje para caracterizar o universo gay.

Dentro do livro, pedi ajuda ao francês Georges Bataille. Recorri à noção de desperdício, desenvolvida por ele nos livros *A noção de despesa* e *A parte maldita*. Bataille fala do desperdício de energia, do gasto improdutivo como movimento em direção ao sagrado. Ao desdobrar o gasto como algo improdutivo, o eixo cilíndrico da dobradiça faz saltar à vista a perda de finalidade nas trocas capitalistas. Fala-se do gasto sem retorno para que salte à vista o dom. Troca-se o seis por meia dúzia. A sexualidade adquire outro e pleno sentido. Nega o bumerangue da fertilidade que garante o retorno produtivo da troca sexual. Georges Bataille dá o exemplo das joias: não é suficiente que sejam belas e deslumbrantes. Seria possível substituí-las por falsas. O importante é que signifiquem o sacrifício de uma fortuna pelo amor. O sacrifício do corpo pelo prazer.

À voz de Bataille acrescento a de Gaston Bachelard: “A conquista do supérfluo proporciona uma excitação espiritual maior do que a conquista do necessário. O homem é uma criação do desejo e não da necessidade”.

Não estranhem notações numéricas e citações de artes plásticas neste depoimento. Tenho medo de ser um artista comovido, tenho medo de ser um artista que comove. O medo, como

em Clarice Lispector, não é sentimento que imobiliza. Se meu medo não imobiliza, leva a quê? Ao despertar da sensualidade no leitor. De que forma despertá-la? Através duma escrita ficcional que o atinja como Lygia Clark o atinge, pedindo-lhe que monte (como se monta a um cavalo, no universo de Clarice) o “bicho”. Espero atingi-lo, leitor, pedindo-lhe que trabalhe o contato epidérmico dos cinco sentidos com a escrita. Essa sensualidade, que se exige do espectador da obra de arte, são os corpos que eu gostaria de ter exposto em *Stella Manhattan*. Palavras se escrevem na página mais para serem vistas do que lidas.

Cito um trecho do romance: “Quero fazer um poema, um livro, onde a apreensão pelo tato seja o que importa. Pedir ao leitor que pegue as palavras com as mãos para que as sinta como se fossem vísceras, corpo amado, músculo alheio em tensão. Que as palavras sejam flexíveis, maleáveis ao contato dos dedos, assim como antes, na poesia clássica, elas eram flexíveis e maleáveis quando surpreendidas pela inteligência. Quero que a polissemia poética apareça sob a forma de viscosidade. Que não haja diferença entre apanhar uma palavra no papel e uma bolinha de mercúrio na mesa”.

Fechada a porta da leitura, que *Stella Manhattan* seja jogado para um canto. É o que André Gide aconselha em *Os frutos da terra*: “Quando me tiveres lido, joga fora este livro — e sai. Gostaria que te tivesse dado o desejo de sair — sair do que quer que seja e de onde quer que seja, de tua cidade, de tua família, de teu quarto, de teu pensamento. Não leves meu livro contigo”.

PRIMEIRA PARTE

Não se trata de pintar a vida.

Trata-se de tornar viva a pintura.

Bonnard

Primeiro

Ilha de Manhattan, Nova York
18 de outubro de 1969

1.

Ó jardineira, por que estás tão triste?
Mas o que foi que te aconteceu?

Stella Manhattan cantarola a canção enquanto abre a janela da pequena sala do apartamento em que mora, e logo em seguida respira o ar frio e poluído da manhã de outubro em Nova York. Incha e desincha os pulmões e o corpo quente exala uma compacta nuvem de fumaça pela boca como se fosse outdoor de cigarro ou de ferro de engomar na Times Square. *Wonderful morning! What a wonderful feeling!* cantarola em silêncio. Quando expira, Stella abre os braços e fecha os olhinhos amendoados e saudosos de sol tropical e calor carioca, e a fumaça sai arredondada e com langor preguiçoso dos lábios, compondo a palavra “sa-úúúúúúú-de”, bordando dolentemente o ú, com parada brusca de ginasta na sílaba final, e Stella continua, antes de inspirar de novo, olhinhos abertos e brejeiros de odalisca south of the bor-

der: “Muita saúde, muito sexo e muitos anos de vida para gozar”. Abre os olhos, inspira; fecha os olhos, expira “sa-úúúúúú-de”.

Stella percebe, como não ia deixar de perceber? a velha vizinha de frente que o observa entre assustada e medrosa por detrás da vidraça do seu apartamento. Esta comenta o teatrinho matinal de Stella no palco da janela aberta, comenta-o com gestos e palavras dirigidos ao marido entrevado na cama, e conclui:

“He’s nuts.”

“Who’s nuts?”

“The Puerto-rican who lives in the building across the street.”

Stella inspira o ar poluído da manhã e expira “sa-úúúúúú-de”. E vai sendo tomado por um frisson nostálgico de verão e praia, de sol quente de rachar e água de mar que arrebenta contra a areia escaldante, de mate que mata a sede, de drops de hortelã e mentex, de cocada baiana, frisson de corpos suados e ardentes, *Rickie my boy, my boy Rickie, we’ll fly down to Rio* (relembra a frase que disse hora antes na cama), de corpos ensandecidos pelo calor, sensuais, recobertos de óleo de bronzear, avivando ui! músculos e coxas, corpos estirados em estudado desleixo pelas esteiras de Copacabana beach, lovely place in Brazil. “You and I, we’ll fly down to Rio.”

Expira e abre os braços como vedete na apoteose final de teatro de revista da Tiradentes e, se tivesse uma escada na sua frente, galgaria degrau após degrau entre plumas, strass e paetês, luxuosamente, luxuriosamente galgaria os degraus até chegar ao topo de onde em afinado e longo trinado, jogando beijos beijos e mais beijos para os admiradores que gritam em delírio: “É a maior! É a maior!”, de onde tremularia a voz num agudo que ribombaria pelas abóbadas do céu de Manhattan sob os aplausos frenéticos da plateia. Stella Manhattan: Estrela de Manhattan.

“Lá vou eu, divina, me segurem que divina lá vou eu”, grita como se já montada numa vassoura de bruxa, voando mary-pop-pins por sobre os edifícios. Veio um golpe de vento soprado do rio Hudson que lhe tira toda a graça do rosto e derruba alguma coisa no apartamento; olha: o porta-retratos. Fecha depressa a janela mal-humorado.

“Haja saco!”

Detrás da vidraça vê a velha gringa que, também por detrás da vidraça, lhe faz caretas e gestos no edifício em frente e faz outras tantas e outros tantos para ela. “Não brinca, não brinca com Stella, velha megera, porque você não sabe do que ela é capaz. Um dia ainda te torrrce o pescoço.” A velha some por detrás da cortina encardida, sim, ela sabe e como sabe do que Stella é capaz, isso desde o dia em que cruzou com ele na rua e este lhe disse cobras e lagartos, e mais: que deixasse de ser enxerida na vida dos outros, você devia mais é lavar as vidraças e cortinas do seu apartamento, they’re as dirty as your mouth, look at them!

“I hate New York”, Stella grita sem muita convicção por detrás da vidraça, olhando para o céu cinza de outono e para a rua sem pedestres, onde a faixa cinzenta do asfalto é acompanhada por faixas paralelas, ininterruptas e multicoloridas de carros estacionados. *Não é um ventinho desses pensa que vai me tirar o bom humor nesta glo-ri-ooo-sa manhã de outono*, e diz para si mesmo, imitando fotógrafo de antigamente diante do menino birrento: “Sorria, Stella, sorria, vamos sorria. Não deixa a peteca cair. Up, up. Cavalinho alazão, upa, upa. Olha o astral. A vida é bela. Life is beautiful. Gorgeous! New York is beautiful! You’re beautiful. Here comes the sun. It’s all right”.

Stella amanheceu louca louca de alegria neste sábado. Mal se continha dentro do apartamento, precisava de palco, refletores e plateia. Era sábado e tinha se levantado pela segunda vez lá

pelas dez e meia, desta segunda vez com o corpo ausente de Rickie colado de mentirinha ao seu.

Muito antes, seis horas da manhã, Stella dormia o sonho do paraíso nas ilhas dos mares do Sul, quando se sentiu cutucado e rolou de um lado para o outro na cama, cutucado de novo, foi aí que entreabriu os olhos se assustando, Wow! É de verdade! com a cara lambuzada do herói do sonho em carne e osso diante dele. Coçou os olhos e perguntou preguiçoso espreguiçando-se o que tinha acontecido.

“Time to go”, escutou a voz de Rickie com os olhos de novo fechados.

“Oh! no. Not now.”

Deixou que Rickie se aprontasse mesmo no escuro (reparou que tinha os movimentos automáticos do pilantra profissional que sempre tem de pular da cama no escuro e pôr a roupa rapidamente enquanto o parceiro só calça os chinelos) e, na hora da despedida, o acompanha até a porta: “Call me later. Você tem o meu número de telefone, te dei ontem no bar”.

Stella se levantou pela segunda vez há pouco. Tomou o café da manhã com uma euforia de boca calada e olhos brilhantes (isto é, reprimida), euforia que esperava o momento propício para explodir. Explodia, e como!

*Foi a camélia que caiu do galho,
deu dois suspiros
e depois morreu*

cantarola de novo, enquanto toma a grande decisão da manhã, mas antes ainda cisma em voz alta: “... e depois morreu”, e langoroso: “... morreu de amor”, e suspirando: “... oh, oh, what a pity”. *É sábado e tenho porque tenho de limpar o apartamento. What a mess! Que sujeira, dear dear Stella, you have to do some-*

thing. Qualquer dia destes você acorda e diz bom-dia para o rato que passa correndo para a toca. Bom dia, seu rato — repreende a si mesmo com o dedo em riste, depois de ter passado o mesmo dedo indicador pelos móveis desenhando caminho entre a poeira acumulada.

Rufla tambores “rataplã-rataplã”, toca corneta “tarará-tará”, empertiga-se “um-dois feijão com arroz”, e logo bam-be-i-a o corpo de novo. Faz de conta que amarra um lencinho colorido da Azuma na cabeça para proteger os cabelos da poeira, fazendo turbante com coque atrás; faz de conta que veste vestidinho de chita leve e sem mangas e, for sure, sem cinto, que as carminhas ainda estão duras, duras! E pinça as nádegas de um lado e do outro para comprovar, fingindo que não percebe as gordurinhas do inverno nas ancas. Faz de conta que calça alpercatas havaianas, que pega vassoura e aspirador e “la-ra-li-la-ra-li”, sai de aspirador de pó em punho para a faxina semanal, quebrando o corpo pela cintura e empurrando as pernas para a frente como se elas estivessem em contradição com as costas que se inclinam mais e mais para trás.

Uma graça — olha-se no espelho da sala e, *hum hum coisinha fooofa da mamãe*, belisca as bochechinhas afogoeadas pelo vento frio da manhã. *Sou di-vi-na ou não sou?* — imita Branca de Neve sem os sete anões. *Quanto Príncipe Encantado, Rickie, não daria tudo, tudo, por esta brejeira doméstica dos trópicos! E você me pede, ao se despedir, vinte dólares pro táxi. “Que po-bre-za!”* constata desiludido e em voz alta, fazendo beicinho, mas logo liga o aspirador de pó para não escutar a sua voz e o eco da voz de Rickie pedindo-lhe os vinte dólares para o táxi às seis da manhã. Liga e, num segundo, desliga o aspirador, *eta cabecinha mais desmiolada, como é que posso passar o aspirador antes da faxina.*

“Não é pelo dinheiro” — tenta justificar-se a si mesmo diante do espelho. — “Não, não é pelo dinheiro. Vinte dólares?”

Se tivesse passado o resto da noite no bar, teria gastado até mais. É porque fico pensando, Rickie, que não houve amor, não houve amor entre nós, Rickie. Do you understand, Rickie? No love!”

Cantrola irônico para afastar a ameaça de lágrimas e o baixo-astral que o vai envolvendo:

No love, just fuck.

No love, just money.

No fuck, just love.

No money, just love.

Mas o que fica borbulhando insistentemente na tolinha da sua cabecinha é a palavra “amor”, borbulhando glup-glup-glup, como peixinho dourado em aquário de restaurante e, mais solta bolhas glup-glup, mais os olhinhos de peixe frito de Stella cisam pelos quatro cantos da sala, glup-glup, atrás de alguma coisa que relembre a noite passada. Rickie em nada tinha tocado, entraram direto para o quarto e de lá saíram direto para a porta de saída, não sem antes — *se me telefonar é porque não foi só pelos...* — autocensura o final da frase criando suspense para si mesmo.

2.

Stella Manhattan, aliás Eduardo da Costa e Silva, com terno da Bloomingdale’s, camisa de colarinho abotoado e gravata com listras verticais dos Brooks Brothers, há ano e meio chegou malvestido, medroso e deprimido a Nova York. Apesar de não ser da carreira, veio para trabalhar no consulado brasileiro lá no Rockefeller Center. Puseram-no na seção de passaportes, com a função de atender o público.

No início pedia desculpas a deus e a todo mundo por tudo: pelo que tinha feito, pelo que não tinha feito, pelo que tinha feito de errado e pelo que tinha feito de certo. Aos poucos foi perdendo as cores amarelas e sombrias de fera acuada contra a parede prestes a receber, implorando já, o tiro de misericórdia, e ganhando as cores da alegria e da espontaneidade. Retraído e sorridente, se soltava quando conseguia colocar uma palavra picante no comentário.

Logo, logo fez boa camaradagem com as colegas da seção (eram três moças que já não vestiam o azul e branco de normalista nem tinham definitivamente entrado para o rol das titias, eram três balzacas prontas para se despedalar), camaradagem que pouco a pouco se transformou em amizade com direito a cochichos indiscretos e confidências tipo cuidado que a parede tem ouvidos.

No final do segundo ou terceiro mês houve, porém, nova metamorfose no terreno quatro por seis, circunscrito pelo balcão de atendimento de um lado e pela porta que dava acesso ao resto do consulado do outro: as três passaram a tratar Eduardo com a intimidade de mão única, a que é filha do ciúme. Como as três ficavam sentadas e só ele de pé, a inveja levou à deferência e esta criou dois planos na sala do escritório. O de baixo e o de cima, elas e ele. Havia mesmo um quê de interesseiro na maneira como o chamavam agora para o café das quatro, hora em que terminava o expediente de atendimento ao público. Tudo isso, fácil de deduzir, porque tinham descoberto — e comentavam maliciosamente o fato entre elas — que Eduardo almoçava uma vez por semana com o adido militar. No único dia da semana em que este vinha ao consulado, às quartas. Não podiam perdoar, como poderiam perdoar de um igual um golpe tão baixo e sujo. Ia sempre sozinho. Nunca convidava, ainda que fosse uma delas, só uma.

A Maria da Graça dizia para as outras duas sem levantar os olhos da máquina de escrever:

“Tem cachorro neste mato”, ao que a Terezinha acrescentava olhando para a Da Glória:

“Se tem, só não vê quem não quer”, e a Da Glória não falava nada, sorria um sorrisinho apertado e adstringente como se só ela, ela só e kolynos soubessem o verdadeiro motivo pelo qual Eduardo e o adido militar almoçavam juntos na quarta.

O sorriso da Da Glória não era um sorriso de quem escuta e não comenta, era tique coitada! Um tique que tinha quando ficava cismando no vazio do dia com a cabeça varrida pelo vento que embalança as palmas, embalança as palmas dos coqueiros de Pajuçara, mas o pseudossorriso intrigava as outras duas que já começavam a armar um complô contra ela.

Dizia a Terezinha de pé no balcão:

“Tem gente que é amiga só na hora do bem-bão. Quando vê alguém afogando, nem perde tempo, diz que é de brincadeira e vai em frente de alma limpa.”

“Gente assim acaba pagando, e pagando caro. Se não é aqui, é lá em cima”, a Maria da Graça completava, rolando os olhos do chão para o teto, com cara de professora primária ensinando catecismo.

A Da Glória calada.

“Tanta injustiça neste mundo, tanta”, monologava a Terezinha vendo um rapaz que entrava na seção. Perguntou-lhe por Eduardo.

“Aquele, aquele sem —” começava a dizer quando deu por si e ficou balbuciando perdida no meio do seu ódio. Virou-se para a Da Glória como para uma tábua de salvação: “O rapaz aqui está procurando o Eduardo, você sabe onde ele está?”.

“Oxente, ele não foi almoçar com o adido?” a Da Glória respondeu perplexa sem mesmo retirar da cabecinha oca o vento que embalança as palmas.

A fofocagem entre a Maria da Graça e a Terezinha era à voz baixa e não transpunha o balcão de atendimento nem passava pela porta que comunicava a sala com o consulado. Os tempos não andavam bons para quem ousasse uma palavra que pudesse arranhar ainda que de leve o uniforme verde dos militares. Sem esquecer que a Da Glória era filha do irmão de um alta patente quatro estrelas, cuja figura sem nome ficava dependurada no teto da seção como um anjo da guarda que a protegia anônima e bem pouco desinteressadamente, se se pensasse que dos quatro era a única que não fazia nada absolutamente nada. Ficava de papo pro ar o tempo todo escutando a música do vento que embalança as palmas dos coqueiros.

No momento em que as três voltavam a ficar sozinhas, em particular na quarta-feira à tarde, quando praticamente Eduardo não reassumia as suas funções e a Terezinha tinha de substituí-lo no balcão voltando à sua antiga posição, a Maria da Graça e a Terezinha se entreolhavam, com as respectivas línguas coçando como carrapato-do-mato e pronto! Já soltava a língua a Terezinha:

“Unha e carne os dois”, e a Maria da Graça respondia:

“O Eduardo tem um jeito tão engraçado...” a Terezinha retomava, olhando para a Da Glória: “Só o embaixador não vê. Ah se fosse uma de nós coitada! Já tinha recebido bilhete azul, se já não tivesse sido repreendida. Você não acha, Da Glória?”.

E esta ficava cismando, calada na sua escrivaninha sob o olhar patético da colega, até que a Terezinha repetia o que já tinha dito, e aí:

“Acho não.”

“Por que você acha que não?” insistia a Maria da Graça pisca-piscando e pedindo a cumplicidade da Terezinha na pergunta. Agora tinham encantado a fera. A Terezinha abanou de lá a cabeça, vá em frente, Maria da Graça.

“Oxente, o rapaz pode estar a serviço.”

“Que serviço?” perguntou a Terezinha bicada por inveja e ciúme, com voz de única sacrificada com toda essa palhaçada de almoço nas quartas.

“Serviço, ora bolas. Ou vocês acham que militar não faz nada. Que leva a vida na flauta.”

A Da Glória não precisava, para que ia precisar? de argumentos ou de exemplos para convencer as colegas. As outras duas sentiram imediatamente o peso do anjo da guarda verde-e-amarelo-quatro-estrelas dependurado no teto e se calaram. Continuar a conversa seria levantar dúvidas quanto à função e ao trabalho do coronel Vianna no consulado, e isso nunca. Pior a morte.

Os almoços de Eduardo com o adido militar não intrigavam só as três colegas de seção. Mais recentemente eram também objeto de curiosidade e especulação por parte do grupo de brasileiros de que Eduardo se aproximava com o intuito de fazer parte.

Por temperamento e por opção de vida, Eduardo não era chegado a uma solidão, ou a ficar curtindo fossa em casa. Começou a frequentar tudo o que era atividade cultural ligada ao Brasil. Mal podia ele imaginar que, às suas costas, o tinham na conta de espião infiltrado no meio intelectual dos brasileiros nova-iorquinizados. Solto no mundo, Eduardo prezava demais amor e camaradagem para desconfiar que detalhes da sua vida no consulado eram interpretados como peças de um quebra-cabeça dentro da lógica paranoica que era o solo comum onde se erguia o raciocínio dos brasileiros depois de 1964. Quanta coisa não lhe foi dita com o intuito de ser uma mensagem (falsa) para o adido militar. Olhe, diga isso para ele que logo isso chega aos ouvidos do coronel.

O galo cocoricó que cantava de político no apartamento de Eduardo era Stella Manhattan. E para Stella a substituição do presidente Costa e Silva pela troica militar entrava num ouvido

e saía pelo outro. Stella era muito pouco nacionalista. Queria uma verdade política nova e libertária, de uso pessoal e coletivo, que imaginava calado sem chegar a formular, mesmo porque não seria capaz. Mais um feeling bem lá dentro, no profundo do profundo, do que um raciocínio racional e verbalizável. Foi deixando Stella sair das quatro paredes do quarto, sair de casa, descer o elevador, andar na rua, conversar com as pessoas, desmunhecar, que Eduardo foi se distanciando politicamente dos brasileiros que buscava.

Por não a ter levado a Woodstock naquele verão, Stella proibira Eduardo de ir ao cinema por um mês e de tomar sorvete de ameixa também. Por não ter deixado ela deitar na cama com John Lennon e Yoko, Stella ameaçara Eduardo com uma visita ao consulado e um bom papo bem descontraído e revelador com as três mulheres do sabonete araxá.

À medida que Eduardo procurava se encaixar no grupo de brasileiros, por sua vez o grupo encaixava nova peça no jogo de armar paranoico.

Por causa do seu sobrenome, Eduardo era parente próximo (filho, diziam uns, sobrinho ou neto, apostavam outros) do ex-presidente da República.

Não sendo da carreira, tinha sido contratado por ordem expressa do SNI que assim tinha uma pessoa de superconfiança para se infiltrar no meio cultural dos exilados. O fato de ter feito letras na Nacional ajudava, e como ajudava. Ninguém desconfiava dele. É um dos nossos.

Estando na seção de passaportes, poderia controlar melhor o pedido e a expedição dos documentos, levantando as suspeitas cabíveis e necessárias.

Os almoços das quartas com o coronel Vianna, influente figura na organização e planejamento do golpe de 1964, e depois na polícia da repressão, completavam a imagem de espião e da-